

**BRASÍLIA, DF, 28 DE ABRIL DE 2000**

*Senhor Governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz; Senhor Ministro da Agricultura, Marco Vinícius Pratini de Moraes; Senhor Ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga; Senador José Arruda, Líder do meu governo; Senhor Presidente da Associação dos Criadores do Planalto, Oswaldo Rocha Melo; Expositores; Prefeitos; Administradores; Parlamentares; Senhoras e Senhores,*

Governador Roriz, em primeiro lugar, quero, de todo coração, agradecer as suas palavras, tão simples, diretas, expressas pela sua sinceridade e que são generosas a meu respeito. Agradeço muito.

Por Brasília, não faço senão meu dever. Dever de Presidente da República, de fazer com que o nosso Distrito Federal, cada vez mais, ganhe as condições necessárias para que os que aqui habitam vivam bem e para que os brasileiros todos possamos continuar nos orgulhando desta capital que é uma marca, e que, de alguma maneira, foi premonitória de um Brasil que se abriu ao futuro, criando uma capital num espaço de tempo muito curto e com uma força de expressividade tão grande como é Brasília.

Ao ouvi-lo, Governador, senti inveja, porque Vossa Excelência disse que nasceu aqui, nasceu na fazenda, foi criado na terra. Como sabem todos, nasci longe daqui. Nasci nas costas do Brasil, nasci no mar, nasci no Rio de Janeiro, não sou tão afeito à terra, embora tenha procurado ser cada vez mais afeito, afeiçoar-me a ela, crescentemente, mas, também, tenho uma ponta de satisfação de poder lhes dizer que, desde o século passado, ainda na época do Império, meu bisavó, por duas vezes, governou Goiás. E governou Goiás lá de Goiás Velho, de Virador de Goiás. Portanto, se não nasci aqui, tenho raízes aqui, nessas paragens goianas e me sinto já adaptado ao Planalto.

Sei que as referências feitas pelo Governador a essas regiões aqui do cerrado são mais do que verdadeiras. Por todas essas razões é com muita satisfação, também, que guardei para anunciar, hoje, aqui de Brasília, aqui desta feira de Brasília, uma notícia que vai nos alegrar: vamos colher uma safra de 85 milhões de toneladas de grãos. Oitenta e cinco milhões e seiscentas mil toneladas de grãos, este ano, com as previsões que nos chegam e que mostram um aumento muito grande, sobretudo no milho e no algodão. Isso, naturalmente, é o resultado da capacidade de recuperação, que estamos sentindo, dos nossos agricultores. Devemos agradecer a Deus o clima favorável, que ajudou bastante. Também quero dizer que a política agrícola, hoje, sob o comando do Ministro Pratini de Moraes, tem sido executada de forma a atender aos reclamos da agricultura brasileira.

Há uma outra boa notícia. O Nordeste brasileiro sofreu tanto nesses últimos anos com a seca. Pois bem, podemos dizer que estamos, agora, com um aumento substancial da produção no Nordeste. De novo foram as chuvas, mas, além das chuvas, não devemos esquecer nunca do Pronaf, não devemos esquecer nunca de que houve esforço, também, daqueles que se dedicaram a permitir que os nossos irmãos do Nordeste pudessem resistir à inclemência do tempo. Agora, quando o clima voltou a ser favorável, a produção é muito positiva, e todos sabemos que quando há uma boa colheita, quando a produção é grande, não só o agricultor se beneficia, mas a população, no seu conjunto, se beneficia. Ela se beneficia no seu conjunto

porque ainda agora estamos vendo que, a despeito de todas as dificuldades, o superávit na balança comercial do setor agrícola é de quase 2,5 bilhões de dólares. Tenho certeza de que vamos ter superávits maiores, mas, além disso, os preços da alimentação baixam e, quando os preços baixam, o povo, no seu conjunto, se beneficia.

Como o Governo sabe, também, que quando o preço baixa é bom para o povo, mas pode trazer alguma perturbação para o produtor, estamos tratando de comprar para manter os preços em níveis satisfatórios, para evitar que nosso agricultor sofra com a queda de preços, que independe do Governo. Mas o Governo pode tomar medidas que contrabalancem essas tendências, quando não são favoráveis.

Também quero lhes dizer que estamos sempre atentos ao cenário internacional. Não há reunião, hoje em dia, em que o Brasil não esteja presente, com voz forte. Com voz forte para reclamar do protecionismo, para exigir melhores preços para os nossos produtos e para mostrar que estamos, realmente, dispostos a, crescentemente, transformar o Brasil talvez no maior produtor do planeta, como disse aqui o nosso Governador, com essas terras ainda abundantes de que dispomos e, sobretudo, com a iniciativa dos nossos produtores e com a capacidade da nossa Embrapa. Eu me refiro sempre a ela porque sem essa organização não poderíamos ter conquistado o cerrado e não poderíamos ter realizado os avanços que estamos conseguindo.

Quero lhes dizer que, num programa chamado Brasil Empreendedor Rural, que lançamos em janeiro deste ano, estabelecemos um conjunto de medidas modernizadoras, destacando a Lei da Armazenagem, que já está praticamente pronta, e a Lei de Classificação dos Produtos Vegetais. Essas duas estão no Congresso sendo apreciadas. A CPR com liquidação financeira já está sendo operada no nosso setor bancário, e também o seguro privado já é uma realidade em vários estados.

Há que acrescentar, também, os programas de renovação da frota de tratores, de colheitadeiras, implementos agrícolas que já estão em pleno andamento e que deram uma possibilidade de modernização necessária, porque havia o sucateamento do nosso equipamento produtor no campo. Mas estamos já avançando nisso.

Também não poderia deixar, sobretudo aqui, na inauguração de uma feira agropecuária, de dizer que o Brasil está voltando a ter um lugar de destaque na exportação de carne bovina. Para que isso continue, temos que cuidar da sanidade do nosso rebanho. Já conseguimos incluir Santa Catarina e o Rio Grande do Sul na lista das áreas que são livres até de vacina, porque já não existe mais o problema da doença que impedia a nossa exportação. Agora, estamos também certos e vamos considerar essa zona, incluindo o Distrito Federal, livre da febre aftosa. Embora ainda com vacina, ela será livre de febre aftosa. Isso foi um trabalho que vem de longe.

Eu me recordo de que o Ministro José Eduardo Andrade Vieira se empenhava muito nessa matéria. Desde que fui Ministro da Fazenda, esse assunto era discutido. Mas implementamos e, hoje, temos a consciência de que, para que possamos exportar e importar carne de qualidade, a Cota Hilton, que nós possamos, realmente, exportar para os grandes mercados, como o mercado americano, europeu e japonês, precisamos de ter qualidade. Hoje, a nossa pecuária é, cada vez mais, uma pecuária que cuida da qualidade. O fato de termos afastado o problema da febre aftosa é um marco disso. Imaginamos que, agora, a Organização Internacional de Epizootias, em maio próximo, já vai considerar essa área livre de febre aftosa. Isso é um avanço imenso.

Quero dizer que tudo que se fez ainda é pouco. Ainda é pouco porque, realmente, a potencialidade do Brasil é imensa nessa área da agricultura e na área da pecuária. E, aí, sim, apraz-nos dizer, ou reconhecer aquilo que já foi expresso pelo Governador, que houve um deslocamento do centro de produção do Brasil. E o deslocamento veio para o cerrado. Das grandes zonas do Centro-Oeste brasileiro, nossa fronteira hoje, produtiva, está no Centro-Oeste; os níveis de produtividade que temos alcançado no algodão, na soja, no milho são muito elevados. A pecuária também. Suínos estão vindo para esta região. Realmente, aqui é o celeiro do Brasil.

Até diria mesmo que, no futuro, a grande concentração, não apenas por ter presença física de animais e de plantações, mas por ter exportação, vai ser a partir desta região. De modo que é mais do que

oportuno dizer que esta exposição será, realmente, um marco. Se é a feira dos 500 anos, se é a feira do ano 2000, é também a feira que vai estar sintonizada com aquilo que foi aspiração de Juscelino quando fez Brasília. Ela olha para o futuro. E o futuro é a audácia, o futuro é a técnica e a audácia. E o futuro é, ao mesmo tempo, um profundo sentimento de solidariedade social e humana.

O Governador tem razão quando fez referência a que o esforço maior que se faz é para permitir que haja condições de vida, para que se elimine, se acabe com a fome. Não teria sentido um grande parque produtivo com produtores e trabalhadores que não teriam condições de usufruir dele.

Hoje, não se trata mais simplesmente de produzir. A produção já é grande. Trata-se de melhorar a distribuição da renda. Isso não se faz do dia para a noite. Isso só se faz com trabalho e fincando raízes numa nova maneira de encarar a economia, numa nova maneira de encarar as condições de produtividade. E, aqui, esta região tem tudo para isso.

Tenho certeza de que esta feira será um marco. Houve aqui uma retomada de crescimento do Centro-Oeste. A agropecuária também vai ser cada vez mais forte no Centro-Oeste. Só espero terminar meu mandato para poder vir aqui, e se o Ministro Pimenta da Veiga me permitir – doei meu sítio aos meus filhos –, mas virei de toda maneira ver se os meus filhos estão produzindo bom gado para que o Brasil melhore também. E que nós fiquemos participantes disso.

Muito obrigado.

